

DEUS NA FILOSOFIA DIALÓGICA DE MARTIN BUBER

GOD IN MARTIN BUBER'S DIALOGICAL PHILOSOPHY

Cloves Bitencourt Neto¹

Tiago Cunha Rizzo²

RESUMO

O intento deste artigo foi o de estudar como o sagrado se manifesta ao homem, como o Tu Eterno se relaciona com o homem, tomando como base três obras de Martin Buber: “Eu e Tu”, “Do diálogo” e do “Dialógico e Eclipse de Deus”. Buber afirma que há duas formas, possibilidades de existência no mundo, de relacionar-se – a Eu-Tu, quando o Eu reconhece o Tu como um outro, um parceiro, um interlocutor – e a Eu-Isso, quando o Eu relaciona-se consigo mesmo, não reconhece o Tu como um outro, mas apenas um isso, a ser instrumentalizado, objetivado. Para Buber, a única exigência para encontrar Deus é aceitar a sua presença e esse encontro imprime no homem duas sensações: a de se sentir plenificado, por ter sido acolhido e por essa relação ser recíproca, e a atribuição de sentido a vida. Deus não se revela mais como nas escrituras “Eu sou aquele que é”. O anúncio da morte de Deus (Nietzsche) e a superação da metafísica (Heidegger) tornaram o homem incapaz de ouvir o que Deus tem a dizer, não que Deus inexista, mas somos incapazes de ouvi-lo, pois o sagrado apresenta-se de outro modo. Vivemos o eclipse de Deus, suas manifestações não são fantásticas,

¹ Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Especialista em Psicologia Cognitivo Comportamental pela CBI of Miami. Formação e atuação. *E-mail*: cloves.bitencourt@gmail.com

² Graduado em Pedagogia pela Universidade Paulista (UNIP); em Psicologia com Ênfase em Saúde pela Anhanguera Educacional; em Filosofia pela Faculdade Claretiana. Pós-Graduando em Psicopatologia/Psicossomática pelo Centro Universitário São Camilo; em Logoterapia e Análise Existencial pela Unilife. Psicólogo Clínico. *E-mail*: tiagopsicologo13@gmail.com

extraordinárias, mas simples, dão-se nas situações concretas da vida, no cotidiano. Deus se dirige a pessoa através de apelos, por ações políticas mais eficientes, que promovam a justiça e o bem comum.

Palavras-chave: Filosofia da Religião. Martin Buber. Eclipse de Deus.

ABSTRACT

The purpose of this article was to study how the sacred manifests itself to man, how the Eternal Tu relates to man based on 3 works by Martin Buber: *Me and Tu*, *On dialogue and on the Dialogic* and *Eclipse of God*. Buber states that there are 2 ways, possibilities of existence in the world, of relating – the I-You, when the I recognizes the You as another, a partner, an interlocutor – and the I-It, when the I relates if with itself, it does not recognize the You as another, but just a that, to be instrumentalized, objectified. For Buber, the only requirement to encounter God is to accept his presence and this encounter impresses on man two sensations: that of feeling fulfilled, for having been welcomed and because this relationship is reciprocal, and the attribution of meaning to life. God no longer reveals himself as in the scriptures “I am who I am”. The announcement of the death of God (Nietzsche) and the overcoming of metaphysics (Heidegger) made man incapable of hearing what God has to say, not that God does not exist, but we are incapable of hearing him, because the sacred presents itself with another way. We live in the eclipse of God, its manifestations are not fantastic, extraordinary, but simple, they occur in the concrete situations of life, in everyday life.

God addresses the person through appeals, for more efficient political actions that promote justice and the common good.

Keywords: Philosophy of Religion. Martin Buber. Eclipse of God.

INTRODUÇÃO

O trabalho tem como objetivo estudar a *teofania*¹, a manifestação do sagrado em três obras do fenomenólogo judeu Martin Buber: “Eu e Tu”, “Do diálogo e do Dialógico” e “Eclipse de Deus”. Os filósofos da religião ao longo da história tentaram encontrar algo que fosse comum a todas as religiões, algo universal, uma essência (ELIADE, 1992). Para Buber, é a relação ontológica Eu-Tu Eterno que é um universal, a essência que estaria presente nas múltiplas religiões.

1 AS PALAVRAS EU-TU E EU-ISTO

Antes de iniciarmos a temática – Deus na filosofia dialógica de Martin Buber –, faz-se necessária uma propedêutica de seus conceitos elementares. Buber inicia sua obra *Eu e Tu* asseverando que duas são as palavras-princípio: *Eu-Tu* e *Eu-isso*.

Zuben (1979, p. 25) afirma que essas são modos, possibilidades de existência no mundo, de apresentar-se, de relacionar-se. Embora o Eu seja o mesmo, sua atitude é distinta frente ao Tu e ao isso. Zuben (1979, p. 36) explica que para Buber, a relação Eu-Tu é ontológica, o Tu gratuitamente encontra-se com o Eu.

De acordo com Buber (1982), para que haja um diálogo genuíno, é necessário que o Eu se volte para o outro, veja o interlocutor (Tu) como precisamente ele é, tenha conhecimento íntimo de que Ele é outro, diferente, legitime-o, reconheça-o como outro, um parceiro. Conhecer intimamente outro homem é compreendê-lo como uma totalidade, colocar-se como presença e o outro tornar-se presença, em toda a sua concretude, sem abstrações que o reduzam (BUBER, 1982). Colocar-se totalmente na relação com o tu é para Buber (1979) inclui a alma, as forças e também o que é considerado fraqueza (parte instintual e emotiva). O diálogo não é como a dialética, que é uma atitude intelectual entre dotados. No diálogo não há dotados e não dotados, mas os que se aproximam e os que se retraem. Todos temos possibilidade de dialogarmos (BUBER, 1982).

Na relação Eu-isso, o Eu é o sujeito do conhecimento que relaciona-se consigo mesmo, apenas conhece o objeto, experiencia-o, utiliza-o, conceitua-o (ZUBEN, 1979, p. 44; BUBER, 1979).

¹ Hierofania = manifestação do Sagrado. Vide ELIADE, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

2 DEUS

Para Buber não nos interessa saber de Deus em si, mas sua relação conosco. Deus está em comunhão com o homem e com o mundo (ZUBEN, 1979, p. 45). Nas Palavras de Buber, tudo pode tornar-se o tu na relação – outro homem, um animal, uma árvore, uma pedra, e através de todos esses o Eu relaciona-se com Deus, o Tu Eterno (BUBER, 1979; 1982). Deus pode ser encontrado em tudo, mas Ele não pode ser deduzido do nada. Deus nos envolve e faz morada em nós, mas não temos sua posse. Na troca de olhares entre dois homens, sem sentimentalismo e romantismo, está o diálogo entre Deus e o homem (BUBER, 1979; 1982).

Para falar com Deus preciso apenas aceitar a sua presença, colocar-me presente, voltar-me para Ele. Falar, cantar louvores são formas de nomear o Tu Eterno. Não devo formular um discurso, pois assim Ele seria circunscrito a um conceito, utilizável como verdade de fé, um dogma (BUBER, 1979).

Segundo Buber (1979), não há uma receita para se entrar em relação com Deus, a única exigência é aceitar a presença do Tu. E o encontro com a divindade imprime no homem: 1 – A sensação de plenitude, por ter sido acolhido, por ter estabelecido vínculo recíproco; 2 – A atribuição de sentido à vida. A vida tem um sentido que pode ser realizado, mas não um sentido que é transmitido numa teoria que se pretende geral.

Não há outra revelação a não ser a dita no livro do Êxodo – “EU SOU AQUELE QUE É” (BUBER, 1979) e toda manifestação religiosa expressa-se numa situação concreta na qual participo como pessoa (BUBER, 2007).

Em suas obras, Buber mantém interlocução com outros filósofos. Um deles é Kierkegaard. Para o teólogo dinamarquês, a primeira condição de toda religiosidade, ou melhor, de toda realidade religiosa é ser um homem individual. O homem só pode falar com Deus enquanto indivíduo. Embora o povo judeu tenha tido Deus como interlocutor, a interlocução com a divindade é individual – como fizeram Enoch e Noé. Antes de encontrar Deus preciso encontrar a mim mesmo. Não posso dizer tu antes de dizer eu.

Mesmo numa comunidade encontro a Deus sozinho. Enquanto indivíduo, estou sozinho no mundo, diante de Deus (BUBER, 1982).

Para Kierkegaard, torna-se indivíduo é tornar-se para se preparar para a relação, que se pode ser penetrada pelo Indivíduo. O homem existe em função dessa relação. Essa é a única e essencial relação. Para Kierkegaard, o indivíduo relaciona-se essencial e exclusivamente com Deus. Para amar a Deus, Kierkegaard teve que remover o objeto (sua noiva) (BUBER, 1979).

Buber critica Kierkegaard. Renunciar os outros e o mundo para relacionar-se com Deus é entender mal a Deus. A criação é o caminho para se chegar a Deus e não obstáculo. Encontro Deus através das criaturas e com elas, pois Deus é o criador de todas elas. Ao abandonarmos o mundo para nos relacionarmos com Deus estamos sendo egoístas (BUBER, 1982).

A relação entre Deus e os homens mudou. Ficamos esperando a *teofania*, a manifestação, mas na noite da existência só conhecemos o lugar onde ela se revela, a comunidade. A verdadeira comunidade e a verdadeira vida comunitária se concretizarão quando se tornarem reais os Indivíduos que têm uma existência responsável, respondam por si e pela coisa pública (pelo mundo humano, pela criação) (BUBER, 1982).

Segundo Buber, o fenômeno religioso, a teofania é exceção. Buber renuncia à exceção, atém-se ao cotidiano. O mistério não se revela mais. Buber afirma que a plenitude que conhece não é a do mistério, mas do cotidiano, da exigência e da responsabilidade de cada hora vivida (BUBER, 1982).

Para Buber (1982), é necessário estar atento ao que acontece, ver, ouvir, sentir – não algo extraordinário, mas os sons do cotidiano. A realidade concreta nos faz apelos. A pessoa está inserida numa comunidade. Os acontecimentos são a palavra de Deus dirigida a mim. A situação do povo é uma exigência feita ao homem responsável, exigência por ações políticas, por justiça visando o bem comum.

De acordo com Buber, vivemos a época do eclipse da luz celeste. Atualmente falta-nos uma constituição de espírito que favoreça enxergar as teofanias. Mas nem por isso Deus deixa de existir, mantém-se inatingível, eclipsado (BUBER, 2007).

Nietzsche, ao dizer que “Deus está morto” apenas admite que o homem é incapaz de apreender e relacionar-se com uma realidade não humana. Não representa o divino em imagens, pois não experiencia mais o encontro majestoso com o divino (BUBER, 2007).

Quando mais a realidade parece ser abstrata, mais precisamos da imediatez do encontro com o divino, por um sinal, de ameaça ou de beatitude. O antropomorfismo é uma forma humana de materializar o encontro com a divindade (BUBER, 2007).

3 RELIGIÃO E FILOSOFIA

Buber, no seu “Eclipse de Deus” (2007), relaciona religião e filosofia. Do que trata a filosofia e do que trata a religião.

Buber (2007) afirma que somos marcados pela dualidade da relação com o ente. A relação eu-tu (encontro) e eu-isso (observação) não são duas formas de manifestação do ser, mas duas formas de coexistir com os entes. Religião e filosofia são condensações dessas maneiras básicas de coexistência com os entes. Na religião, o ser ilimitado passa a ser parceiro. Na filosofia, o algo, o isso torna-se o objeto a ser conhecido. Filosofia e religião são conhecimentos distintos. Um volta-se para a essência e a outra, para a salvação.

Em toda grande religião, o religioso volta-se para a essência incondicional de sua fé. Mesmo que não seja pessoal, o religioso relaciona-se com ele, como seu parceiro e interlocutor, é para o crente um Tu. Mesmo que a divindade não se apresente como pessoa, o crente dirige-se a ela como um ser diante dele. Vai ao encontro do Deus que desconhece, pois não é preciso conhecer Deus para ir ao seu encontro. Deus não se transpõe totalmente para o nível humano, pois se o fizesse deixaria de ser divino (BUBER, 2007).

Toda grande filosofia debruça-se sobre o Absoluto, faz dele seu objeto, do qual todos os outros são derivados. A filosofia busca o universal, pois nele pode-se vislumbrar, contemplar o Absoluto (BUBER, 2007).

Para a filosofia, a religião não é um conhecimento claro, mas um aceitar como verdadeiro. Para a religião, o crente não se coloca diante da divindade como um sujeito cognoscente que visa apreender o objeto cognoscível, pelo contrário, relaciona-se reciprocamente com um ser existencialmente atuante (BUBER, 2007).

O caminho de Deus, no Antigo Testamento não é um código moral para os homens, mas o caminho de Deus no mundo e através do mundo. E ao fazê-lo o homem encontra a salvação, imitando a Deus. A religião quer tornar-se vida, quer libertar as pessoas do que é específico, da sua história, biografia. A religião é o exílio, pois a verdadeira pátria do crente é estar na presença de Deus (BUBER, 2007).

Toda realidade religiosa inicia com a Bíblia chama de temor a Deus. A existência entre o nascimento e a morte é incompreensível e ameaçadora. Essa é a porta pela qual o religioso (crente) entra no cotidiano, que é santificado pelo mistério. Deus, quando se manifestou aos hebreus, mostrou-se terrível e incompreensível. Quem é apresentado ao Deus amor do cristianismo relaciona-se não com Deus, mas com um ídolo fabricado. O religioso inicialmente teme a Deus depois aprende a amá-lo. Suporta a vida concreta por mais terrível e ameaçadora que seja e a ama no amor de Deus. O temor a Deus é o início da sabedoria (BUBER, 2007).

Nas religiões históricas percebe-se uma luta interna, entre o elemento religioso e o não religioso. Metafísica, gnose, magia, política e outros tentam influenciar a

religião. Mas a religião não pode deixar o elemento religioso perder a concretude da vida, onde o divino e o humano encontram-se. É na concretude da vida que o sentido da existência se manifesta e pode ser alcançado (BUBER, 2007).

Deus vem ao encontro, permeia todas as figuras, mas não tem uma figura, uma imagem dele próprio. Apenas sabe-se que ele vem ao encontro e está presente. O homem, ao encontrá-lo, tenta dar características, imagens como forma de cristalizar o encontro, mas ao fazê-las, o Tu torna-se um isso. Deus tolera essas imagens, projetadas da alma humana para que ele possa ser percebido nelas, mas com o tempo, essas imagens deixam de fazer justiça a Deus e o religioso deve então lançar-se em novo encontro (BUBER, 2007).

A assertiva de uma realidade religiosa, a existência de Deus não pode ser comprovada, porque não pode ser comunidade objetivamente (embora a teologia pretenda fazer isso), apenas experimentada pelo crente (BUBER, 2007).

4 RELIGIÃO E PENSAMENTO MODERNO

Buber, no seu “Eclipse de Deus” (2007), fala da conversão de Pascal ao Deus dos Patriarcas e Também arrola posicionamentos filosóficos sobre a realidade religiosa. Spinoza, Kant, Hegel e o existencialismo de Sartre e Heidegger.

Blaise Pascal, filósofo e matemático, converte-se ao Deus dos Patriarcas. Deixa o Deus que pertence a um sistema de pensamento (Absoluto), é apenas uma ideia. Para ele, o Deus de Abraão, Isaac e Jacó por não caber num pensamento, transcende-o. Pascal negou o Absoluto para amar a Deus (BUBER, 2007).

Spinoza na sua doutrina de Deus fez o esforço máximo de ir contra todo antropomorfismo. Deus tem infinitos atributos, especialmente dois, a extensão e o pensamento. Dessa maneira, Spinoza afirma que Deus não é espírito puro. Há homens que amam a Deus e esse amor é entendido por Ele como amor de Deus a si mesmo, atualizado na criação que inclui tanto o amor dos homens a ele e o dele pelos homens. Ao dizer que Deus é substância, Spinoza afirma a realidade de Deus independente de nosso pensamento. Deus e o homem estão em relação, têm um amor intelectual. Intelectual no sentido dele se colocar como antiantropomorfista. Não erigir imagens de Deus, proibição bíblica (BUBER, 2007)

Para Kant, a sua filosofia transcendental não foi cumprida, não soube responder se Deus existe. Para Kant, pensar em Deus e crer nele é a mesma coisa. Ele não é ser fora, mas é uma ideia, um pensamento, uma relação moral (BUBER, 2007).

Hegel reconstruiu o absoluto em si. Deus deixou de ter qualquer ligação concreta com os homens. Deus só pode ser acessado pela razão. Não é alguém, um tu que possa relacionar-se com a humanidade. O absoluto (Deus) serve de tudo para se autorrealizar e ter perfeita consciência. Deus não mantém uma relação real e direta com o homem (BUBER, 2007).

Sartre desenvolveu uma filosofia existencialista ateia. Considera a frase nietzscheana que Deus morreu válida. Essa é a época que sobreviveu a morte de Deus. Em seu texto *Un nouveau mystique* (1943, p. 153 apud BUBER, 2007), Sartre afirma “Ele está morto, ele nos falou e agora se cala”.

A questão moderna é: conciliar o silêncio do transcendente e a necessidade que o homem moderno tem de preservar a realidade religiosa. Para Sartre, essa questão atormentou Nietzsche, Heidegger e Jaspers (1943, p. 153 apud BUBER, 2007).

O existencialismo teve a coragem de abolir a necessidade religiosa. Deus deve ser esquecido. Por séculos o homem delegou a Deus a liberdade criativa e esqueceu que o único universo existente é o da subjetividade humana (1943, p. 153 apud BUBER, 2007).

Para Sartre, o outro é o que me olha, que me toma como objeto. Deus também seria o outro que me olha. Sou um objeto pra Deus e ele nada é pra mim. Pra que Deus? O outro me bastaria – Aqui Sartre vê uma relação e conhecimento sujeito-objeto e não uma relação dialógica genuína. Buber critica, fala que Deus é o Tu absoluto, o interlocutor, o parceiro. Se o homem não consegue mais chegar a essa relação ocorreu alguma coisa não na sua subjetividade, mas no seu ser (BUBER, 2007).

Com a morte de Deus, desaparecem os valores absolutos e tudo passa a ser possível. O homem passa a determinar seus próprios valores; torna-se livre. A vida perde o sentido e cabe ao homem dar um sentido à vida (SARTRE, 1946 apud BUBER, 2007).

Buber critica Sartre ao dizer que com o silêncio de Deus não podemos concluir sua morte, apenas que não o estamos ouvindo. O mundo cultural, humano, foi constituído pelo trabalho de milhares de gerações. Reconquistar a liberdade criadora soa demagógico para Buber. O uso correto da liberdade é tarefa e missão humanas. Para Buber, um valor ou sentido não podem ser inventados nem escolhidos, mas encontrados no encontro com o ser (BUBER, 2007)

Heidegger também parte da frase nietzscheana. Para ele, Nietzsche se desfez de todo o Absoluto, da religião como também da metafísica.

A doutrina do ser de Heidegger estabelece-se no homem e através do homem. Para Heidegger, o ser está ligado ao destino e à história do homem e neles se esclarece,

sem tornar-se função da subjetividade. Não nos cabe nos posicionar sobre o ser de Deus. Deus ou o sagrado podem voltar a aparecer, não cabe ao homem decidir como e quando o divino se manifesta. Apresenta-se segundo o destino do ser.

As teses de Heidegger sobre o divino tratam do aparecer, em que condições o divino reaparece. Deus é tomado como objeto que é passível de aparecer. Objeto transcendente, que não é conhecível, mas que permite que entremos em relação com ele. O ser volta de sua transcendência e se manifesta a nós.

CONCLUSÃO

Buber expõe os posicionamentos filosóficos sobre a possibilidade de uma realidade religiosa, tão controversa no pensamento moderno, especialmente para o existencialismo.

Buber assevera a possibilidade de relacionamento genuíno com a divindade, não mais como outrora quando Deus se revelava ao seu povo, através de sua palavra, mas no cotidiano, na concretude da vida. Deus relaciona-se com o homem no diálogo genuíno inter-humano, no mundo, criação divina, através da exigência de ações políticas em busca da justiça e do bem comum, de forma que tal como Deus abraça a criação também possamos abraçá-la (BUBER, 1979; 1982).

A postura filosófica de Buber foi de descrever um fenômeno – o relacionamento Eu e Deus – assim, tentou extrair das múltiplas religiões o uno, a essência do sagrado. Pode-se assim dizer que fez uma fenomenologia da religião. Mesmo negando, Buber, ao descrever o relacionamento Eu-Tu Eterno objetivou, circunscreveu o sagrado numa representação, mas as experiências religiosas transgridem as representações, os conceitos. Buber, como fenomenólogo colocou a relação ontológica Eu-Tu Eterno como a-histórica. Vejamos suas palavras: A religião quer tornar-se vida, quer libertar as pessoas do que é específico, da sua história, biografia (BUBER, 2007).

Fazer uma fenomenologia da religião é “crer” que há uma essência do sagrado, e essa, uma vez encontrada, é uma verdade objetiva. O perigo é não compreender que toda descrição fenomenológica não é neutra, já é uma interpretação, e absolutizar essa descrição como a verdadeira, e enquanto “verdadeira” não admite possíveis descrições, diferentes interpretações do mesmo fenômeno.

A filosofia hermenêutica tem outra postura reflexiva. Não busca o comum de todas as religiões. Ricouer (1996) é cauteloso, sabe que uma descrição universal do fenômeno religioso é limitada e sugere (como o fez) o estudo hermenêutico de uma única religião, no caso, o cristianismo, pois cada religião é datada, tem seu contexto cultural e histórico, suas formas de nomeação da divindade entre outros.

REFERÊNCIAS

BUBER, Mordechai Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BUBER, Mordechai Martin. **Eclipse de Deus**: considerações sobre a relação entre religião e filosofia. Tradução de: Carlos Almeida Pereira. Campinas: Verus, 2007.

BUBER, Mordechai Martin. **Eu e Tu**. Tradução de: Newton Aquiles von Zuben. 2. ed. São Paulo: Cortes e Moraes, 1979.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

RICOUER, Paul. **Nas fronteiras da filosofia**. Tradução de: Nicolas Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996. v. 3. (Coleção Leituras).

ZUBEN, Newton Aquiles von. Introdução e notas do tradutor. In: BUBER, Mordechai Martin. **Eu e Tu**. Tradução de: Newton Aquiles von Zuben. 2. ed. São Paulo: Cortes e Moraes, 1979.